

fé. Como vive-se num momento histórico em que se privilegia a imagem e a visualidade, o mapa é visto como forma de visualização instantânea dos lugares, percursos, fenômenos, e tornou-se um artefato utilizado no dia-a-dia de forma ampla, especialmente com a difusão do uso de dispositivos portáteis conectados à internet.

Os mapas estão tão presentes, como se correspondessem a uma demanda de visualização, ou melhor, de espacialização e identificação. É uma demanda social (intelectual, acadêmica, artística, enfim, cognitiva) que busca sempre um referenciamento no lugar para os fenômenos, quando não um georeferenciamento. O mapa, desta forma, propõe num só olhar a dimensão de um fenômeno e sintetiza informações de forma objetiva.

Nos últimos anos, questionamentos epistemológicos internos à cartografia problematizaram a elaboração de mapas, como também sua utilização. Muitos se inspiram em vertentes pós-estruturalistas que dão outra dimensão ao papel do cartógrafo e do fruidor [21].

Ao longo da história, durante vários séculos, o acesso aos mapas foi um privilégio das classes constituintes da elite social: reis, nobres, alto clero, eruditos, navegadores famosos e grandes armadores de expedições marítimas.

Geralmente manuscritos, às vezes exemplares únicos, ou com pouquíssimas cópias mantidas em livros sagrados e em obras de cunho histórico-geográfico, da lavra de monges copistas, esse notável acervo acha-se hoje desfalcado de muitas das suas preciosidades cartográficas que orgulharam seus possuidores de outrora [22].

O invento de Gutenberg, na segunda metade do século XV, revolucionou todos os campos do conhecimento humano. A imprensa tornou-se um dos pilares da Renascença, movimento de renovação que transformou a visão do homem sobre o meio em que vivia e suas próprias relações com o mesmo. Miceli [22] complementa:

No âmbito da representação gráfica do mundo e suas partes, o grande mérito da nova tecnologia foi a socialização da cartografia: desde então o homem comum teve acesso ao mapa pela primeira vez. A adoção dos processos da xilografia e do talho-doce (gravação em madeira e em cobre, respectivamente) possibilitou a impressão de um grande número de exemplares, mais precisos e fiéis aos

originais, permitindo a divulgação rápida das informações geográficas provenientes dos descobrimentos das novas terras.

Com o aumento da procura de mapas, antes quase inexistente, houve o surgimento da figura do cartógrafo, como profissão, e o início do comércio de mapas, dessa vez com o aparecimento de editores e negociantes especializados na sua produção e venda.

O desenho de mapas é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais. Para Tuan [23], "é possível determinar o caminho através do cálculo de posição sem usar observações astronômicas e através da considerável experiência sem procurar desenhar as relações espaciais globais das localidades".

Sobre as imagens

Atualmente vive-se em uma era de imagens. Elas estão presentes abundantemente em todos os campos da vida social, e grandes parcelas da comunicação e da informação são veiculadas por elas. Para Gomes [24]:

Sensações, momentos, experiências, lugares, pessoas, parece que qualquer coisa para existir deve ser necessariamente fixada sobre um suporte imagético. Segundo Jean Baudrillard, nos últimos anos, um fato, para ser verdadeiro, precisa antes ser apresentado como imagem, e verdadeiro não quer dizer real. A imagem não precisa de um correspondente 'real', como a cópia. Ela pode ser o produto de um jogo de simulacros, de imagens que se referem umas às outras.

O ser humano é potencial consumidor de imagens: o olhar, a atenção e o interesse são solicitados constantemente no passar ininterrupto de formas, cores e significados. Essas imagens competem pela captura atenta dos olhares – e não apenas destes: algumas deliberadamente procuram, sobretudo atrair a atenção.

Em um universo de múltiplas e contínuas possibilidades colocadas ao olhar, as imagens que conseguem prender nosso interesse estabelecem para si um campo de visibilidade privilegiado. Ao mesmo tempo, essas imagens, objetos centrais de nossa atenção, tornam as outras desinteressantes ou despercebidas, ou seja, paralelamente se estabelece um campo de relativa invisibilidade. Assim, existem aquelas imagens que, por conseguirem se extrair do fluxo da continuidade, se singularizam; mais do